

JOÃO PESSOA, DOMINGO, 19 DE AGOSTO DE 2007

ARTIGO

## A Casa Diamantina e seu papel nos "novos" rumos da relação arte-natureza

Dyógenes Chaves, Artista visual e crítico de arte (ABCA)

**O projeto propõe uma reflexão e sensibilização através da ação artística para a diversidade do desenvolvimento sustentável.**

Entre Julho e Agosto de 1978, Pierre Restany (1930-2003), o mais importante crítico de arte do pós-guerra na França e considerado o "pai" do Novo Realismo, redigiu o "Manifesto do Rio Negro", em plena floresta amazônica. Restany, ao lado dos artistas Sepp Baendereck e Frans Krajcberg, subiu o Rio Negro, principal afluente do Rio Amazonas, de Manaus à fronteira da Colômbia e Venezuela. Esta experiência lhe provocou um choque emocional profundo levando-o a questionar-se sobre o sentido moderno da natureza. O manifesto refere-se a um naturalismo integral e pretendeu, ao mesmo tempo, uma resposta objetiva, sintética e global sobre questões como a existência e a função da arte nos dias atuais, e uma redefinição da relação natureza-cultura.

No manifesto, Restany afirma que a Amazônia é hoje, no nosso planeta, o "último reservatório", refúgio da natureza integral. E como um profeta, vaticina: "Um contexto tão excepcional como o do Amazonas suscita a idéia de um retorno à natureza original. A natureza original deve ser exaltada como uma higiene da percepção e um oxigênio mental: um naturalismo integral, gi-

gantesco catalisador e acelerador das nossas faculdades de sentir, pensar e agir."

Este manifesto correu mundo na época e a exaltação da natureza integral serviu como um dos motes que os artistas Célia Araújo, Sidney Azevedo, Zéu Borges, Guylaine Collet, Dyógenes Chaves, Serge Huot, Tarciana Kaline, Izabella Rocha e Koki Watanabe utilizaram, mesmo que inconscientemente, na exposição "Casa-D 01" (aberta ao público até 9 de setembro), na Casa Experimental de Arte, localizada na Rua Leonel Coelho 155, Jardim Brisamar (entre o antigo DEDE e o Grupo de Engenharia). A exposição, que tem o apoio da Prefeitura de Marselha e da Agência Vacances Bleues, é o resultado da experiência coletiva vivida por estes artistas plásticos, de diferentes procedências (Brasil, França e Japão), durante o Workshop Casa Diamantina ([www.casadiamantina.com](http://www.casadiamantina.com)), entre 28 de julho e 05 de agosto, no Parque Nacional da Chapada Diamantina, Estado da Bahia, a cerca de 450 km de Salvador. Esta cadeia montanhosa esconde imensas riquezas naturais: rios, cascatas e grutas rodeadas de uma vegetação di-

versificada que vai da Mata Atlântica à Caatinga passando por pastos, vales profundos e picos rochosos de formas misteriosas. Nesta natureza, cujo aspecto selvagem e generoso parece imperturbável e inalterado há séculos, uma tímida aventura de ecoturismo começou desde uns quinze anos. Muitas pousadas passaram a serem disputadas por amantes de natureza selvagem, de trilhas e passeios, de silêncio e meditação. Além disso, algumas comunidades espirituais escolheram instalar-se neste espaço onde as forças telúricas, facilmente, nos remetem ao sentido mais sagrado da Terra Mãe. Caeté-Açu situa-se no Vale do Capão, lugar bem conhecido dos antropólogos pelas numerosas pinturas rupestres que ornamentam suas cavernas. Uma das mais surpreendentes quedas d'água do mundo, a segunda pela sua altura (380 m), a cachoeira da Fumaça, localiza-se a poucos minutos do lugar onde os artistas se reuniram. As cidades de Palmeiras e Lençóis, e menos de meia hora de Caeté Açu, são famosas pela beleza de sua arquitetura colonial portuguesa e foram, no passado terra dos diamantes e das plantações de café.



Pierre Restany (em primeiro plano) e Frans Krajcberg: artistas e ecologistas

O projeto, que nasceu há três anos num encontro dos artistas Guylaine Collet, Sidney Azevedo e Koki Watanabe em Marselha, na França, propõe uma reflexão e sensibilização através da ação artística para a diversidade do desenvolvimento sustentável do nosso ambiente. Durante o encontro na Chapada Diamantina, os artistas vivenciaram o lugar de trabalho (e de troca) através

das suas próprias criações, e como primeiro lugar de exposição. Após a sessão de trabalho no meio natural, participaram de um autêntico piquenique. Para os artistas, esta atitude tão simples (a divisão da refeição) é uma ação humana fundamental e universal qualquer que seja a sociedade. Aproveitar o tempo, o espaço da natureza já é um pretexto para apreciar um momen-

to de comunhão com pessoas conhecidas ou desconhecidas. O piquenique após o trabalho, como símbolo do workshop, é uma refeição rápida, familiar e amigável que, ao mesmo tempo, permite perceber a indispensável presença da natureza.

Segundo o artista japonês Koki Watanabe, da Associação Pachamama - l'art de la Terre, a vivência dos artistas neste ambiente "é uma ação experimental que instala um espaço e um tempo específico de comunhão por meio do 'deslocamento do espírito natural', ou naturalismo (realismo)". No workshop, os artistas não só vivenciaram a produção de "obras de arte" (fotografias, instalações, objetos, escultura, vídeo) ou a divisão da comida (piquenique), mas a lembrança do que o visionário Pierre Restany escreveu há quase 30 anos.